



## **ENCONTROS E DESENCONTROS INSTITUCIONAIS NA TRAJETÓRIA DE MULHERES DO PRESÍDIO DE PONTA PORÃ-MS**

Weronica Derene Adamowski

Carlos Otávio Zamberlan

Leôncio Elidio dos Santos Junior

Alexandra Souza Ruiz

**Resumo:** A história de vida de uma pessoa influencia desde sua personalidade até as possibilidades que ela terá durante a vida. Nenhum ser humano se constrói sozinho, mas o faz em meio a uma sociedade estruturada a partir de suas instituições. Com este entendimento, estudar a população presidiária feminina a partir de suas histórias de vida e verificar como as instituições sociais básicas se fizeram presentes ou ausentes nessa trajetória é o objetivo desta pesquisa. Desenvolvida no Presídio Feminino de Ponta Porã – MS, no mês de dezembro do ano de 2016, tratou-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa onde os dados foram coletados por meio de cinco entrevistas, que tinham um roteiro semi estruturado relacionados a cinco eixos de cinco instituições: familiar, educacional, religiosa, econômica e de saúde. Os resultados encontrados apontaram a importância que a família teve na vida destas mulheres e como foi significativo o papel desta instituição nas futuras interações com as demais instituições sociais básicas. Além disso, percebeu-se nesta pesquisa que, as instituições geralmente funcionavam de maneiras isoladas, pouco integradas umas com as outras, o que reforça a necessidade do trabalho em rede das instituições, visando o desenvolvimento integral indivíduo para assim fomentar o desenvolvimento regional como um todo. Entendendo que, para que o desenvolvimento aconteça depende tanto das instituições, como dos indivíduos nelas presentes.

**Palavras chave:** Instituições Sociais Básicas. Mulheres. Presidiárias. Desenvolvimento Regional.



## Introdução

O aumento da população presidiária feminina no Brasil, entre os anos de 2000 e 2014 teve um crescimento de 567,4%, representando mais que o dobro de crescimento em comparação com a população presidiária masculina, de 220,20% no mesmo período. Este cenário vem sendo investigado por diversos estudiosos (FRANÇA, 2014; INFOPEN MULHER, 2014; MATOS E MACHADO, 2012, BRACINSKI, 2012, 2009; DE SOUZA, 2009), na busca pela compreensão e explicação deste fenômeno social.

A partir desta demanda, a sociologia como ciência que se dedica a apreensão dos fenômenos sociais, apresenta análises relacionadas ao papel que as instituições desempenham na sociedade, como fornecedoras de regras de condutas. As instituições, nas diversas sociedades empenhando-se em formar o ser humano como um ser social, cabendo a elas a função de manutenção da ordem social.

Nesta perspectiva, compreende-se que todo ser humano não constrói sua subjetividade de forma isolada, mas o faz em sociedade, desde o momento em que nasce, a partir das relações significativas que estabelece ao longo da sua vida, no seio das instituições que vai pertencendo, começando pela família, seja ela de origem ou substituta. Este entendimento remete ao fato de que, cada decisão tomada traz consigo uma historicidade que a influencia. Ou seja, cada indivíduo estrutura a sociedade e é ao mesmo tempo estruturada por ela. Nas duas perspectivas, as instituições são peças fundamentais para que ocorram transformações significativas tanto nas biografias das pessoas quanto no contexto social onde elas circulam (IRELAND e LUCENA, 2013).

A partir deste conhecimento, o presente estudo tomando como base questões relativas às funções das instituições consideradas básicas e universais nas diversas sociedades: família, instituições religiosas, econômicas, educacionais e políticas, se propõe a identificar de que maneira estas instituições se fizeram presentes ou ausentes, ao longo da trajetória de vida destas mulheres, até elas chegarem à condição atual de detenção.

Este estudo será apresentado em seis capítulos. Eles serão desenvolvidos da seguinte maneira: Introdução, Percurso Metodológico, Instituições Sociais Básicas, este dividido em mais cinco subitens que irão abordar cada uma das Instituições, a saber, Instituições Familiares, Instituições Educacionais, Religiosas, Econômicas e de Saúde. Logo a após, serão apresentados os Resultados e Discussão, apresentados em cinco eixos



relativos às cinco instituições básicas, em sua seqüência as Considerações Finais e por último as Referências Bibliográficas utilizadas.

## **Percurso Metodológico**

O presente estudo é de natureza descritiva, qualitativa e que utilizou dados primários, coletados a partir de entrevistas semi estruturadas. Foi desenvolvido após a devida autorização de ambas as Instituições (UEMS e Presídio de Ponta Porã-MS) e realizado por meio das etapas explicadas a seguir.

Primeiramente, utilizaram-se critérios de seleção dos participantes da pesquisa. Estes foram o de estar reclusa no presídio feminino de Ponta Porã, seja condenada ou processada, independente do tipo de crime cometido; ser maior de 18 anos; aceitar participar livremente da pesquisa; estar ciente de que nenhum ganho jurídico seria recebido mediante sua participação e assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Dentre as aproximadamente 130 mulheres encarceradas no Presídio Feminino da cidade de Ponta Porã - MS, no mês de dezembro do ano de 2016, foram selecionadas aleatoriamente cinco e convidadas a participarem da pesquisa, narrando suas trajetórias de vida com relação às cinco instituições formais básicas - família, instituições religiosas, econômicas, educacionais e políticas. Após ser realizada a explicação por parte da pesquisadora sobre a proposta da pesquisa, seus objetivos e particularidades do seu processo; a entrevistada assinava o TCLE; era iniciada a entrevista e sua gravação seguindo um roteiro semi estruturado; em outro momento era feita a transcrição das entrevistas e análise dos dados relacionando-os com a literatura pertinente.

Tanto na entrevista como para a análise dessas trajetórias, focalizamos os aspectos relacionados a estas cinco instituições, considerados como lócus onde, acredita-se, houve os mais intensos processos de experiências, tanto os vividos quanto os não vividos. Utilizaram-se como base para análise dos dados, referências majoritariamente relacionadas à Sociologia.

## **As instituições sociais básicas**

As instituições formam uma estrutura social permanente, dentro da qual operam a cultura e a sociedade. Para isto, elas estão constituídas por sistemas de normas, valores e



padrões que regulam o comportamento dos indivíduos. Além disso, cada uma delas tem funções básicas que lhe correspondem, com a finalidade de atender as diversas necessidades dos indivíduos ao longo de suas vidas. Nas sociedades modernas as principais instituições sociais formais, consideradas básicas são: a família, as instituições religiosas, as educacionais, as econômicas, e as políticas (DIAS, 2010).

Reconhecendo o importante papel que as instituições desempenham nas sociedades para a sua manutenção e desenvolvimento, Mill (1965 *apud* MATTOS, 2008) aponta uma relevante questão, que as instituições precisariam ser compatíveis com o nível de desenvolvimento cognitivo, intelectual e moral da população. Segundo o autor, não existiria um conjunto de instituições adequado a todas as sociedades e épocas, e seria inclusive danoso que houvesse instituições que demandassem qualidades inexistentes nos homens. Para serem adequadas, as instituições deveriam ser compatíveis com os homens existentes; no entanto, para cumprirem o papel de promover o progresso social, elas deveriam, igualmente, ter como um de seus impactos melhorar os homens. A partir desta dicotomia, deparamos-nos com um lento, porém natural processo de transformação social.

## **1.1 Intuições Familiares**

A família é o primeiro grupo ao qual um indivíduo pertence. Nela ele irá receber a primeira bagagem de normas e regras sociais que serão interiorizadas, formando sua estrutura básica que dará suporte as demais socializações, que ocorrerão nas demais instituições. Este aprendizado acontece principalmente pela forte ligação emocional entre os membros e ocorrem geralmente por meio das experiências vividas. A criança vai interiorizando e se identificando com papéis e atitudes, tornando-os seus. Processos que por sua vez irão influenciar fortemente a identidade e personalidade do indivíduo (BERGER e LUCKMANN, 2014).

Em relação às funções, Dias (2010) refere que, como instituição social básica, a família desempenha, ou pelo menos deveria desempenhar algumas funções relacionadas a:

- A biológica, que diz respeito à reprodução da espécie e a satisfação de suas necessidades básicas;
- A de socialização, que refere-se à transmissão de valores, costumes, etc.;



- A social, que estão relacionados à posição social inicial, e que influenciará em grande medida as oportunidades que o indivíduo terá ao seu alcance;
- A de assistência, referindo-se a responsabilidade pela proteção física e psicológica de seus membros e também pelos cuidados na infância e nos anos de velhice;
- A econômica, constituída como uma unidade tanto de produção como de consumo dentro da sociedade.

Em relação a sua história, as famílias se descrevem de duas maneiras, família de origem que se refere aquela na qual a pessoa nasceu, e a de procriação, que é aquela que a pessoa construiu. Segundo sua estrutura a classificação se dá a partir de sua composição: nuclear ou biparental (pai-mãe-filhos); semi-nuclear ou monoparental (só pai ou só mãe, com filhos); extensa (família nuclear, com família de origem de um dos conjugues); semi-extensa (família nuclear, com um ou mais integrantes da família de origem, de um ou de ambos conjugues). Além dessas estruturas, existem outros tipos de composições familiares: binuclear ou reconstruída, composta ou ampla, etc (GONZÁLEZ, 2005).

A este respeito, o que vem sendo observado nas distintas sociedades é que, as famílias extensas estão cada vez mais escassas em detrimento do atual estilo de vida imperante. O capitalismo e a urbanização trouxeram consigo um modelo de família mais economicamente rentável, que afeta a dinâmica dos relacionamentos e as formas de convívio e apoio entre seus integrantes (ACOSTA e VITALE, 2015). No entanto, isto não diminui sua importante função, apenas aponta numa mudança adaptativa de sua estrutura.

Em relação às mulheres presidiárias, Soares e Ilgenfritz (2002), em pesquisa realizada com presas no Rio de Janeiro, constataram que 71,9% das entrevistadas afirmaram ter sofrido alguma forma de violência por parte de seus responsáveis, sendo que 68% relataram ter sofrido violência física e 11,2%, violência sexual.

## **1.2 Intuições Educacionais**

Pode-se dizer que nos dias de hoje, o sistema educacional representa um dos mecanismos mais importantes de socialização e de obtenção de conhecimento, elemento



fundamental para o desenvolvimento no seu sentido mais amplo (ACOSTA e VITALE, 2015). Antigamente, a função de educação e de transmitir valores, habilidades, costumes e tradições era exercida apenas pela família, no entanto, nas sociedades modernas, cada vez mais as instituições educacionais estão contribuindo nesta missão (DIAS, 2010).

A este respeito Irelad e Lucena (2013) acreditam que o modelo de educacional, deve focar seus esforços em humanizar, emancipar e integrar o indivíduo a sociedade. E acrescentam que, sua tarefa principal deveria ser a de formar adultos críticos e participativos, é que, por se tratar de uma atividade social, subjetiva e objetiva ao mesmo tempo, seus resultados irão depender tanto do contexto de aprendizagem oferecido, como da maneira que o sujeito a interpreta. Neste sentido, a educação ao longo da vida, pode também provocar conseqüências dessocializadoras e desinstitucionalizadoras na vida dos sujeitos, ainda que não seja esse seu objetivo.

Para Dias (2010) as funções que as instituições educacionais desempenham estão relacionadas a:

- Preparar o indivíduo para os papéis ocupacionais e profissionais;
- Transmitir os valores fundamentais das culturas na qual está inserida;
- Mostrar e preparar o indivíduo, por meio do convívio, os vários papéis da sociedade;
- Proporcionar um entendimento sobre status social;
- Estimular debates, iniciativas e descobertas que levem a mudanças de maneira geral;
- Incentivar a adaptação pessoal e melhorar os relacionamentos sociais.

Ao que tudo indica, as instituições educacionais se configuram como um segundo momento de socialização, um pouco mais complexo e que permite ao indivíduo o contato com outros papéis, diferentes dos da sua família. Este contato oferece a oportunidade de ampliar as possibilidades, pois apresentam variáveis distintas as do âmbito familiar. Variável que inclusive podem ser contraditórias ao que é valorizado e praticado em família e justamente por isso, apresenta-se como uma importante referencia na história de vida das pessoas.

A este respeito verificasse que, as mulheres que adentram o sistema prisional em sua maioria têm baixo nível de escolaridade e renda familiar precária. Em geral, antes do



encarceramento não possuíam estabilidade trabalhista e desempenhavam ocupações de baixa qualificação com salários proporcionais ou estavam em situação de desemprego. (INFOPEN MULHER, 2014; LIMA, PEREIRA NETO, AMARANTES, DIAS E FERREIRA FILHA, 2013).

### **1.3 Instituições Religiosas**

Segundo Dias (2010) há duas funções principais exercidas pela religião: psicológica e social. A psicológica se refere à função de explicar o inexplicável, o que confere ao indivíduo certa segurança frente às incertezas da vida. Em relação ao âmbito social, o autor destaca algumas das funções expostas a seguir:

- A de auxiliar no processo de socialização;
- Exerce influência em outras instituições (família, escola, por exemplo);
- Representa uma força de controle social;
- Colabora para diminuir e para promover conflitos sociais (palestinos e judeus, por exemplo);
- Preenche a necessidade de explicação dos fenômenos ainda não explicados pela ciência;
- Atua como força conservadora dos costumes sociais.

Para Duckheim (1973 *apud* DIAS, 2010) a religião “é um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, que unem em uma comunidade moral única todos os que a adotam”. Para ele a função fundamental da religião é auxiliar o crente a viver e neste sentido demonstra que a fé é sustentada pelo culto, que por sua vez é representado por práticas repetitivas, ritos e rituais.

### **1.4 Instituições Econômicas**

As mudanças que vão acontecendo ao longo da história da humanidade vão afetando toda sua estrutura, as instituições econômicas representam uma das instituições que foi se modificando para acompanhar esse processo e atender as necessidades imperantes em cada época. Do ponto de vista sociológico, as instituições econômicas são consideradas um sistema social e cultural, cujas funções estão relacionadas com a produção, distribuição e



consumo de bens e serviços. Ou seja, fornece meios para a subsistência do indivíduo e sociedade (DIAS, 2010).

Além de garantir a sobrevivência e satisfação de necessidades, que no mundo capitalista em que vivemos cada dia são maiores, as instituições econômicas oferecem possibilidades sócio-econômicas de ascensão de classe social. Entretanto o que se observa é que, nem sempre, essas possibilidades são garantidas a todos os indivíduos. Neste sentido, como colocam Acosta e Vitale (2015), o Estado tem importante participação por meio de políticas públicas, na diminuição das desigualdades sociais, garantindo e promovendo o bem estar de todos, incluindo a renda.

Neste âmbito, a participação da mulher no mercado de trabalho se faz cada vez mais presente, entretanto, com desigualdades tanto nos setores disponíveis como na renda. No sistema prisional a maioria das pessoas que ali está faz parte da parcela da sociedade que tem uma inserção precária na vida econômica. As mulheres presas, geralmente são oriundas das camadas sociais mais pobres, filhas de famílias desestruturadas - que não tiveram acesso à educação, tampouco a uma formação profissional capaz de incluí-las no mercado formal de trabalho (IRELAND e LUCENA, 2013).

Desta maneira, pode-se dizer que a entrada destas mulheres nas instituições econômicas, ao em vez de oferecer uma perspectiva de desenvolvimento pessoal e socioeconômico, acabaram reproduzindo toda sua trajetória dificuldades, desamparo e sofrimento.

### **1.5 Instituições de Saúde**

As instituições de Saúde representam neste trabalho uma das instituições políticas dentre as várias que existem e que são apresentadas por Dias (2010). Neste sentido, entende-se que o Estado, dentre suas diversas atribuições, deve garantir por meio de políticas públicas, a prestação de serviços de saúde para sua população, no sentido de melhorar suas condições de vida bio-psico-social.

Nestas instituições, verifica-se que são as mulheres a população que mais utiliza este tipo de serviço, seja para elas mesmas, seja em busca de atendimento para seus filhos, maridos ou pais. Embora estes lugares que deveriam ser acolhedores e oferecerem apoio, por receberem pessoas geralmente em momentos de vulnerabilidade, nem sempre são



recebidas e tratadas desta maneira. Estas instituições além de prestarem assistência, poderiam e deveriam funcionar como canal de comunicação e articulação entre os usuários e os serviços de apoio disponíveis para sanar ou amenizar suas dificuldades, e não apenas como centros de intervenções pontuais em relação à doença que muitas vezes são causadas pela precária situação de vida sócio-econômica-educacional das pessoas.

Ao que parece, as instituições de saúde, caberia a função de diagnóstico precoce e tratamento no sentido mais amplo, identificando problemas de aspecto social presentes na família, e não apenas aqueles relacionados a doenças físicas e mentais. Ações que devem ser dirigidas principalmente às famílias mais vulneráveis, pois aspectos sociais e econômicos influenciam direta ou indiretamente na saúde física e psicológica dos indivíduos e conseqüentemente de sua família e sociedade (ACOSTA E VITALE, 2015).

## 2. Resultados e Discussão

### 2.1 Eixo Família

No geral, a história familiar das mulheres encarceradas é marcada por dificuldades como separações, violência e abandono, nos seus diversos sentidos. Na história das cinco mulheres entrevistadas nesta pesquisa, o abandono também se fez presente, algumas de forma mais acentuada e mais precoce que outras. Como no caso da entrevistada 1, que logo no início na entrevista relatou as difíceis experiências que vivenciou na sua família de origem.

“Eu cresci numa família que é assim: Minha mãe não dava muito carinho, nunca deu, aliás. Eu era a mais velha dos três pequenos, eu que tinha que *cuidá*, ela trabalhava, meu pai trabalhava. Meu pai bebia e fumava, gastava todo o dinheiro na rua. [...] às vezes, quando eu não fazia o que ela queria (referindo-se à mãe), ela batia muito, muito. Agente apanhava e feio! Tinha que *tomá* banho de sal mora. Quando eu tinha oito anos, minha mãe quebrou meu braço [...] então aquilo lá eu guardo até hoje, eu tenho magoa disso.” **Entrevistada 1 (49 anos)**

“Então, a minha infância foi muito boa assim... com pai, mãe, irmão [...] não tenho nada do que reclamar, meus pais eles fizeram tudo assim. Não tinha droga em casa, agressão essas coisas, álcool nem sabe... nada! Era super tranquilo assim. [...] daí eu



fiquei grávida, com 16 anos aí que eu fiquei grávida minha mãe faleceu. O nenê tinha cinco meses na verdade, e depois que ela faleceu virou uma bagunça. Que meu pai já arrumou outra mulher em seguida sabe, tipo acho que ele já era meio assim, tava meio enrolado com ela. E essa mulher não deu apoio pra mim e pro meu irmão sabe e agente foi morar sozinho, eu com 16 ele com 14. Ai foi um tumulto assim [...]

### **Entrevistada 2 (29 anos)**

“Eu morei assim, da minha infância com a minha mãe, com meu pai e com meu irmão. Aí depois dos meus 10 (anos) minha mãe largou do meu pai daí eu fui morar só com a minha mãe sabe. Meu pai batia muito na minha mãe também. Chegou uma vez até *tacá* fogo na minha casa sabe. Viví assim uma infância meia frustrada [...]

### **Entrevistada 3 (29 anos)**

“*Nóis* era uma família muito humilde. Minha mãe era mãe de cinco meninas. Minha mãe criou *nóis* cinco sozinha, bem *dizé* sozinha. O meu pai abandonou minha mãe com cinco *filha* (as cinco são do mesmo pai). Então minha mãe tinha dificuldade de *criá nós*, aí ela amigou com padrasto meu. Aí a dificuldade que eu tinha com ele é por que ele mexia comigo, só isso. Aí eu saí cedo de casa, por causa dele, aí eu fiquei morando na casa *das minha amiga*. Minha infância não foi boa. Por isso que eu não *alembro* muito da minha infância, por que minha infância foi muito triste. Então eu fui *estrupada* com oito anos de idade. “

### **Entrevistada 5 (28 anos)**

As funções familiares citadas por Dias (2010) parecem estar enfraquecidas nas histórias retratadas por estas mulheres. Principalmente a de assistência tanto física como psicológica. A este respeito França (2014) aponta que as mulheres que experimentam processos de violência na infância ou adolescência são mais vulneráveis, além de representarem o segmento feminino que mais chances têm de ocuparem as estatísticas criminais ora como vítimas ora como autoras de violência durante a fase adulta.

[...] com oito anos eu briguei com um menino na escola, quebrei o braço dele também, por que ele veio me *baté*, eu era bem fortinha e a minha mãe falava que se eu levasse desaforo pra casa eu ia *apanhá*. Então eu tinha que bate *pa* não *apanhá* em casa [...] briguenta eu era, meu Deus do céu! Até *faca* eu já *taquei nus otro*. [...] Com 13 anos eu furei uma mulher de 21.

### **Entrevistada 1 (49 anos)**



Na história familiar da Entrevistada 1, fica claro a maneira como a identificação e interiorização dos papéis, normas e atitudes o qual referem Berguer e Luckmann (2014) se fizeram presentes neste caso. Logo após a mãe ter lido que quebrado o braço e tem a mesma atitude na escola. A norma interiorizada parecia ser a de “*não levar desaforo pra casa*”.

Em relação à estrutura familiar, se observa que estas mulheres em sua maioria vêm de famílias monoparentais por separação dos pais e geralmente acabavam também constituindo famílias com o mesmo modelo. No caso em que se manteve a estrutura nuclear, foi referido vários indícios de disfunção familiar severa (agressão, alcoolismo). Esta estrutura familiar descrita a seguir, mostra a exposição que seus integrantes sofreram a situações de desamparo.

“Na minha infância eu morava com minha mãe, com minha mãe e meus irmãos. Eu tinha sete (cinco pais diferentes), agora eu tenho seis. Eu sou a última. Agente morava na mesma casa só com a mãe. [...] o meu pai *memo* eu nunca tive contato com ele. Não conheço. [...] Nossa vida foi *foda heim, nós passamo* muita fome, quando *nóis* era criança, muita fome *memo*. Minhas *irmá* cuidava *de nós*, as mais *velha*. [...] Num tinha outros parentes, por que minha mãe nasceu de uma mãe, mais daí ela foi doada, pra outra mãe neh e a outra mãe já era bem mais velha já, daí ela perdeu cedo também a mãe.” **Entrevistada 4 (26 anos)**

O relato da Entrevistada 4, também vai ao encontro do que referem Acosta e Vitale (2015), que se em todas as sociedades a família tem um alto valor social, nas camadas mais pobres ela adquire uma importância fundamental na vida do indivíduo, pois muitas vezes representa a única rede de apoio frente ao desamparo social, por mais frágil e vulnerável que seja esta família. Pois, os vínculos familiares asseguram ao indivíduo o segurança de pertencimento social.

Outra característica marcante na história de vida destas mulheres se refere à família de procriação. As cinco entrevistadas referiram ter se casado ou tido seu primeiro filho na adolescência: Aos 12 anos a Entrevistada 5, aos 14 anos, Entrevistadas 1 y 3, com 16 anos Entrevistadas 2 y 4. Este fato acaba repercutindo negativamente nos outros setores de suas



vidas, como escola e emprego, por exemplo, como descritos nos relatos ligados aos eixos a seguir.

## **2.2 Eixo Escola**

A escola representa um importante espaço de sociabilidade e de ampliação das oportunidades para os indivíduos. Como instituição voltada ao ensino, ela possibilita experiências e aprendizagens por meio dos quais as mulheres podem aumentar suas possibilidades de mudança de vida (IRELAND e LUCENA, 2013). Entretanto, neste estudo, como em vários outros (INFOPEN MULHER, 2014; MATOS E MACHADO, 2012, BRACINSKI, 2012, 2009) essa premissa é inverificável, porque as mulheres entrevistadas tinham baixa escolaridade.

[...] Eu era terrível na escola. Comecei a fumar maconha com 11 anos, já na escola. Eu pulava o muro da escola *pa fumá* maconha[...] eu não era muito de *gostá* da escola [...] eu terminei a 8° série aqui (presídio), lá eu estudei só até 5° série. [...] eu parei de *estudá* por que eu brigava muito na escola e daí casei também arrumei filho, quê que eu ia *estudá* mais [...] **Entrevistada 1 (49 anos)**

Um fato que parece estar associado ao abandono escolar, é o apoio familiar, seja da família de origem, ou de procriação. Algumas tiveram dificuldades na escola por conflitos familiares, brigas em casa, fugas. Entretanto todas alegaram coincidência entre o abandono escolar e o casamento ou nascimento do primeiro filho. Neste sentido ao que tudo indica, a falta de suporte familiar foi decisivo para esta situação.

Estudei até o primeiro ano do ensino médio, daí eu fiquei grávida e não fui mais. [...] eu gostava de estudar. **Entrevistada 2 (29 anos)**

Eu sempre fui estudiosa assim sabe, nunca dei trabalho na escola. Mas daí depois que eu casei (14 anos) eu parei de estudar e daí (5° série) nunca mais voltei pra escola. [...] **Entrevistada 3 (20 anos)**



Na escola eu ia estudar e pronto, não conversava muito com os professores [...] reprovei muitas vezes a 5ª série, eu faltava muito, fugia de casa, era muita briga. [...] parei de estudar por que engravidei da minha menina. **Entrevistada 4 (26 anos)**

A escola é o seguinte, minha mãe *botó* eu na escola e a escola lá era o seguinte, lá era interior, *nas escola lá* você só passava de ano se você tivesse dinheiro, entendeu? Se você fosse de família rica você passava de no ano, se você não fosse você taria ali ooh. Eu to com 28 *ano* e não sei nem *lé* direito e nem *escrevé* direito. Parei até 4ª série. Reprovei um monte de vezes, todos os anos. Eu parei de *estudá* por que eu só reprovava. Tinha uma escola que eu me sentia melhor, mais eu reprovei do mesmo jeito por que eu *num tava* bem. **Entrevistada 5 (28 anos)**

A fala da Entrevistada 5, vai ao encontro do que é referido por Irelad e Lucena (2013), concernente as influências e a escola pode ter na vida das pessoas e que irão depender tanto do contexto (objetivo) como do sentido dado as experiências (subjetivo), como acontece com toda experiência social, aliás. Neste caso a escola adquiriu um sentido de fracasso e revolta por ter, naquele momento adquirido uma interpretação que imprimia desigualdade social entre ricos e pobres. Apesar disso, houve percepções diferentes entre uma escola e outra. Em uma a Entrevistada 5 se sentiu mais acolhida que a outra, no entanto, ao longo do seu relato, apesar dela ter atribuído seu abandono escolar ao fato das reprovações, coincide com o nascimento de sua primeira filha, aos 12 anos.

O fato que se faz evidente nos relatos é que, a escola sozinha não consegue desempenhar as funções, tão importantes referidas por Dias (2010) relativas a preparar o indivíduo para os papéis ocupacionais e profissionais; transmitir os valores fundamentais das culturas; incentivar a adaptação pessoal e melhorar os relacionamentos sociais, etc. Ela parece funcionar como um suporte para as funções familiares. À medida que cada entrevistada vai relatando suas experiências nas demais instituições, se percebe como a base de todas elas e de toda a estrutura social é a família.

### **2.3 Eixo Religião**

Apesar das instituições religiosas terem importantes funções sociais e individuais (DIAS, 2010), somado discurso das entrevistadas, que manifestaram satisfação e apoio nestas



instituições, estas mulheres não conseguiram manter suas práticas, cultos e rituais que segundo Duckheim (1973 *apud* DIAS, 2010), sustenta em grande medida a fé.

[...] eu fui batizada na católica, minha mãe é católica, mas desde os 8 anos eu vou na Igreja de crente, eu gosto [...] eu ia três vezes por semana, eu ia com a vizinha. Ia feliz e voltava feliz. [...] um dia minha mãe me bateu por que eu fui na igreja, por que ela dizia que eu já era batizada na católica.[...] fui até os 10 anos, lá eu me sentia em paz. **Entrevistada 1 (49 anos)**

Agente freqüentava a Igreja, num era aquela coisa sempre, mas a mãe sempre levava. Depois que ela morreu, eu não fui mais. [...] eu me sentia bem, gostava. Me ajudou, hoje a crença que eu tenho em Deus é por essa época (referindo-se a infância). **Entrevistada 2 (29 anos)**

Fui dois anos na Igreja Universal, me batizei e depois me desviei. Eu ia toda semana, três vezes por semana, com minha vó. [...] comecei a ir dos meus 12 anos. Gostava muito era bem legal. Parei por cause que eu conheci esse meu marido, aí parei de freqüentar (casou com 14 anos). **Entrevistada 3 (20 anos)**

Eu gosto de ir na Igreja Evangélica, mas eu não sou batizada. Eu ia toda semana com minha irmã, meu irmão, minha mãe também. Eu gostava de ir. Mas não ao ponto de me *batizá*. [...] Eu ia por que eu gostava, gostava de *levá* meus filhos. **Entrevistada 4 (26 anos)**

Eu fui batizada quando eu era criança, minha mãe me batizou na católica, mas agente não freqüentava [...] eu era criança, minha mãe não me levava, como que eu ia sozinha!? **Entrevistada 5 (28 anos)**

O que se percebe nos relatos é que, novamente a família teve grande influência na manutenção da prática e do vínculo com as instituições religiosas. Coincidentemente as mulheres entrevistadas relataram coincidência em relação à época que deixam a escola e de freqüentar as atividades da Igreja. Também se observou como descrito por Dias (2010), que as instituições religiosas, além de proporcionar bem estar psicológico, podem também



provocar conflitos, quando ha diferenças de crenças, situação que ficou mais explícita no relato da Entrevistada 1.

## 2.4 Eixo Trabalho

A pesar das instituições econômicas relacionadas ao trabalho terem a função de garantir a subsistência (DIAS, 2010), o que se observa na história de vida das entrevistadas é que, a inserção delas no mercado de trabalho se fez de maneira frágil, sem contar que houve relatos no qual nem se quer se inseriram a não ser no tráfico como fonte de renda.

*Trabalhá eu sempre fui bem pra trabalhá, eu pego rapidinho o jeito de trabalhá. As minha patroa me elogiava muito. [...] só não sei se elas vão aceitá que fui presa né.*

### **Entrevistada 1 (49 anos)**

Então... eu trabalhei pouco. Assim, eu fui autônoma também, vendi roupa, trabalhei mais assim, um pouquinho. [...] A renda era pouca, até por que se não eu não teria se envolvido (referindo-se ao tráfico), me interessado em outros meios de dinheiro rápido. [...] Eu acho que agente não contenta com o que tem sabe, sempre quer mais... carro... mais e rápido. **Entrevistada 2 (29 anos)**

Nunca trabalhei meu marido não aceitava eu trabalhá sabe, daí eu nunca trabalhei. Vim trabalhá aqui agora (presídio) que eu to trabalhando. [...] trabalho na cantina, mexo com vendas, bem gostoso, distrai um pouco a mente. **Entrevistada 3 (20 anos)**

*Trabalhá eu não trabalhei muito, era mais os corri (tráfico) memo que eu fazia.[...] acho que com uns 13, 14 ano comecei [...] bem antes de engravidá [...] eu recebi a proposta e fui. [...] Fora isso trabalhei em restaurante, lanchonete, trabalhei também, mais trabalhei pouco. Acho que eu não fiquei nem um ano em cada serviço meu que eu trabalhei. [...] eu não ia por que tinha que pagá pra alguém fica com minhas crianças (quatro filhos de pais diferentes, nenhum deles ajudava), minha mãe não guentava ficá com eles.[...] daí geralmente eu saia por causa deles. [...] o que eu ganhava dava pra gente se virá [...] Talvez eu taria até hoje naquele restaurante se não fosse isso (dificuldade em deixar os filhos), eu gostava de lá. **Entrevistada 4 (26 anos)***



Não trabalhava pra ninguém, num gostava de *trabalhá* pra ninguém.[...] Agora sou manicure aqui do salão (presídio) [...] fui pro tráfico com uns 12 ano, eu já conhecia (usuária). **Entrevistada 5 (28 anos)**

A baixa escolaridade, a história de vida família (casamento e filhos na adolescência), associado a pouca formação profissional capaz de incluí-las no mercado formal de trabalho, são alguns dos fatores que são similares nas entrevistadas destas cinco mulheres, assim como nas histórias de vida de mulheres presidiárias no geral (IRELAND e LUCENA, 2013).

Percebe-se que as dificuldades vividas na família de origem repercutem de maneira cada vez mais acentuada, nas instituições que ao longo a vida estas mulheres precisam se incluir. Se for considerada a escola como segunda instituição, religião como terceira e o trabalho como quarta instituição que se apresentam na trajetória destas mulheres, cabe afirmar que, pelos seus relatos, estas instituições vão sendo cada vez mais ausentes em suas vidas.

Com tudo, parece que o presídio resgata um pouco a função de inserção em relação ao trabalho, pois duas das entrevistadas (3 e 5) referiram que estavam trabalhando por primeira vez ali dentro.

## **2.5 Eixo Saúde**

Para uma das entrevistadas, o presídio oferecia maior cuidado de saúde do que o que teve em sua própria família (Entrevistada 1). Nos demais relatos pode-se perceber que as instituições de saúde dependem de outras variáveis, dentre elas o apoio familiar, como evidenciado em todas as outras instituições, do estado de saúde da mulher, já que isto influencia a necessidade ou não de utilizar estas instituições. Contudo, também se fez evidente que as diferenças nas percepções sobre as instituições de saúde dependiam da cidade a qual elas pertenciam. Ou seja, a prestação dos serviços de saúde varia dependendo da cidade.

Aqui *eles trata* bem agente! (presídio) o que eles pode faze pela gente eles faz. [...] antes (do presídio) até pra remédio era difícil.[...] na minha família mesmo, quando ficava doente, a minha mãe não levava pro hospital, ela falava: 'deita aí, quando *melhorá* levanta'. Só no último caso que ela levava. **Entrevistada 1 (49 anos)**



Saúde é precária né, sempre foi. Por que desde as gravidez eu lembro que foi difícil, complicado, complicadíssimo. Onde eu moro é péssimo a saúde. **Entrevistada 2 (29 anos)**

Nunca tive problema assim [...] foi poucas vezes [...] me senti bem. Tive apoio da minha mãe e dos médicos, fui muito bem tratada. **Entrevistada 3 (20 anos)**

Eu não tenho do que *reclamá*. Sempre tive atendimento, eu *meus filho*. [...] lá não é ruim que nem aqui (referindo-se a cidade que morava). Aqui já ouvi o pessoal *reclamá* do SUS. **Entrevistada 4 (26 anos)**

Foi bom... pelo menos todos os hospital eu precisei ir. [...] foi minha mãe que levo por que eu tava doente. [...] me senti apoiada da minha mãe, ela tava lá, daí eu tava bem. **Entrevistada 5 (28 anos)**

Como referido no capítulo anterior, neste trabalho, as instituições de saúde estariam representando as instituições políticas. Já que, dentre as funções destas, deveria estar a de propiciar o bem estar físico-social-emocional da população e prioritariamente daquela que se apresenta mais vulnerável (ACOSTA e VITALE, 2015). No entanto, o que observa a partir dos relatos das entrevistadas é que, as instituições de saúde ainda atuam de maneira reparativa, na maioria das vezes, e em menor proporção de forma preventiva. As articulações em rede que seriam essenciais serem feitas de maneira efetiva, para promover a saúde de suas habitantes não apareceu em nenhum momento nos relatos.

A mulher ao adentrar em qualquer nível dentro do sistema de atenção á saúde deveria ser diagnosticada em seu contexto global, sistêmico e não apenas físico ou psicológico. Este contato da mulher com o sistema de saúde constitui uma importante chance de auxílio individual e família que não deveria ser desperdiçado. Pois, é sabido as doenças são de origem multifatorial e que para fomentar a saúde bio-psico-social da população deve-se ter um olhar e ações interdisciplinares e instersetoriais, resumindo interinstitucionais.



## Considerações Finais

Esta pesquisa deixou claro que a família é à base da sociedade. Todas as demais instituições nas quais as entrevistadas passaram (escola, igreja, trabalho e saúde) observou-se que sua participação dependia em grande medida do apoio da família. Neste sentido, suas histórias de vidas familiares tiveram relevantes situações de violência e dificuldades em vários aspectos, que comprometeram suas trajetórias de vida até chegarem à situação atual, a prisão. Isto, no entanto, não anula as importantes funções que desempenham as demais instituições, pois elas fornecem suportes necessários para que o ser humano se desenvolva e vida em sociedade, de maneira construtiva.

Entretanto, o que se percebeu nesta pesquisa foi que, as instituições funcionaram de maneiras isoladas, pouco articuladas ou integradas entre si. Cada uma com suas funções, sendo que, cada uma poderia interagir com a outra para que se possa desta maneira potencializar suas ações, visando auxiliar os indivíduos e contribuindo assim para o desenvolvimento regional como um todo. Entendendo que, para que o desenvolvimento ocorra, depende tanto das instituições como dos indivíduos nela presentes.

## Referências Bibliográficas

ACOSTA, Ana Rojas e VITALE, Maria Amalia Faller. **Família: redes, laços e políticas públicas**. 6º Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

DE SOUZA, Kátia Ovídia José. **A pouca visibilidade da mulher brasileira no tráfico de drogas**. Psicologia em Estudo, Maringá, 14(4): 649-657, out-dez, 2009

BRACINSKI, Mariana. **Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina**. Contextos Clínicos, 5(1):52-61, janeiro-junho, 2012

BRACINSKI, Mariana. **Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Ciência & Saúde Coletiva, 14 (2): 577-586, 2009.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Pearson, 2010.

FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira. **Criminalidade e prisão feminina: uma análise da questão de gênero**. Revista Ártemis, 17 (1): 212-227, jul-dez, 2014.

VIII Seminário Internacional sobre

## Desenvolvimento regional

Territórios, redes e  
Desenvolvimento Regional:  
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação  
**Desenvolvimento  
Regional**  
mestrado e doutorado



GAULEJAC, V. **Psicossociologia e sociologia clínica**. In: J. N. G. Araújo & T. C. Carreiro (Orgs.), **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.

GONZÁLEZ, José Luis Huerta. **Medicina familiar: La familia en el proceso salud-enfermedad**. México: Alfil Editorial, 2005.

IRELAND, Timothy e LUCENA, Helen Halinne Rodrigues. **O Presídio Feminino como Espaço de Aprendizagens**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 113-136, jan./mar. 2013.

LIMA, G. M. B., PEREIRA NETO, A. F., AMARANTES, P. D. C., DIAS, M. D., FERREIRA FILHA, M. O. **Mulheres no cárcere: significados e práticas cotidianas de enfrentamento com ênfase na resiliência**. Saúde em Debate • Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 446-456, jul/set 2013.

MATOS, Raquel e MACHADO, Carla. **Criminalidade feminina e construção do gênero: Emergência e consolidação das perspectivas feministas na Criminologia**. Análise Psicológica, 30 (1-2): 33-47, 2012.

MATTOS, Laura Valladão. **Rumo a uma Sociedade Melhor: Uma Análise da Agenda de Reformas Económicas de J. S. Mill**. Est. Econ., São Paulo, 38(2): 293-317, abr-jun 2008.

MENDONZA, Martha Romero. **¿Por qué delinquen las mujeres? Partell. Vertientes analíticas desde una perspectiva de género**. Salud Mental, 26 (1): 32-41, febrero, 2003.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. Tempo Social Revista de Sociologia da USP, 17 (2): 335-350, Nov 2005.

SOARES, B. M., ILGENFRITZ, I. **Prisioneiras: Vida e Violência atrás das Grades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 36° Ed. Petrópolis: Vozes, 2014